

Declarações do presidente da operadora

Vodafone contra OPA à PT e defende chumbo da Concorrência

[2006/06/01 | 16:05] [Editorial](#) Lusa/SAS

O presidente da Vodafone Portugal considera que, caso avance, a OPA sobre a PT criará uma situação de posição dominante nas telecomunicações.

E criará, também, um grupo com «um poder negocial único» em Portugal, defendendo que a Concorrência chumbe a operação.

A Vodafone «não é favorável» à operação e defende que esta «não deve ser autorizada» pela Autoridade da Concorrência «nos moldes propostos», afirmou António Carrapatoso, na sua intervenção no jantar debate promovido pela Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações (APDC).

O gestor elencou vários remédios que a Concorrência poderia exigir para aprovar a operação, como a libertação de uma nova licença de móvel, a abertura aos operadores móveis virtuais (OMV), separação da actividade grossista e retalhista, entre outros, mas salientou que estas soluções não tornariam o mercado nem «mais flexível, nem mais transparente».

OPA pode burocratizar mais mercado

O presidente da Vodafone Portugal, acrescentando que nem com estes remédios a operação seria positiva para o mercado português, justificando que «tanto escrutínio» apenas serviria para «burocratizar mais» o mercado.

Carrapatoso salientou que a operadora a que preside não se opõe à OPA exclusivamente devido à posição dominante que resultaria da concentração TMN/Optimus e destacou «uma série de factores cumulativos» que penalizam o mercado, como «as dificuldades na distribuição a retalho» nos centros comerciais geridos pela Sonae.

«Já hoje sentimos dificuldade em colocar lojas nos espaços da Sonae», revelou o gestor, acrescentando que, caso a operação seja aprovada, «as dificuldades serão acrescidas».

Fusão não promove necessariamente mais concorrência

Carrapatoso também aludiu ao «reforço da posição na área dos conteúdos» e acrescentou que não são aceitáveis «os argumentos de que a fusão é necessária para promover concorrência com grande operador móvel internacional».

«As posições dominantes a nível nacional são mais relevantes que a escala a nível internacional» reforçou.